

# Em estudo escoamento de hortícolas das Zonas Verdes

O Gabinete das Zonas Verdes da capital iniciou ontem o processo de organização do escoamento e colocação dos excedentes de produção hortícola do sector no mercado de consumo da cidade de Maputo. Normalmente, o período de ponta da colocação destes produtos, entre os quais couves, alface, tomate, cebola, repolhos e outros, nos bazares e outros centros de consumo, decorre na estação fria, entre fins de Maio e meados de Setembro.

Esta acção foi lançada numa das reuniões quinzenais de trabalho do Gabinete das Zonas Verdes, ontem realizada, à qual assistiu o membro do Bureau Político e Primeiro Secretário do Partido na Cidade, Jorge Rebelo, e nela foram lançadas as bases da inventariação e sistematização dos volumes da produção hortícola deste ano, por forma a planificar o escalonamento do seu escoamento para o mercado consumidor.

No encontro participaram os directores das diversas Casas Agrárias que asseguram a direcção das Zonas Verdes nos Distritos Urbanos da Cidade de Maputo, o director da Empresa Nacional de Comercialização Hortofrutícola e um representante da Direcção Provincial de Agricultura.

Em função das quantidades de semente distribuídas ou de um levantamento ainda não definitivamente sistematizado, os responsáveis das Casas Agrárias apresentaram as primeiras estimativas da produção de hortícolas presentemente no terreno, abrangendo os três sectores que integram as Zonas Verdes na cidade de Maputo, nomeadamente os sectores cooperativo, privado e familiar.

Este levantamento, que terá de ser continuado e melhorado conforme foi sublinhado na ocasião, destina-se a fornecer indicações dos volumes de produção de couves, alface, repolhos, cenouras, cebola, tomate, nabos, beringelas e outras hortícolas, a partir dos quais se pode calcular os excedentes a canalizar aos principais centros de consumo do mercado da cidade, de forma a permitir a mobilização dos recursos necessários para assegurar o seu escoamento.

## PRIORIDADE: COLOCAÇÃO DA PRODUÇÃO NO MERCADO

Numa inventariação exaustiva, foi constatado que na generalidade a produção de hortícolas este ano aumentou significativamente. Embora não garanta de imediato a eliminação da fome, ela irá contribuir bastante para que este espectro seja reduzido, principalmente nos subúrbios, bem como áreas de cimento, e arredores da cidade capital, onde vive uma população de mais de 600 mil habitantes.

As estimativas provisórias apresentadas, indicam que poderá haver este ano uma colheita global de cerca de 10 mil toneladas de produtos hortícolas diversos, das quais cerca de cinco mil toneladas destinadas ao autoconsumo e o restante para a colocação no mercado.

— Esta produção é ainda pouca, mas tendo em consideração que uma boa parte da população — os próprios produtores — garantirão através dela uma considerável percentagem do seu abastecimento e que o restante será colocado no mercado, isso já representa um passo em frente nesta batalha contra a fome. O que importa agora é aumentar as áreas de cultivo, melhorar a organização do sector e assegurar que nas zonas com aptidões agrícolas cada família possa garantir o seu abastecimento não só em hortícolas, como também na produção animal — referiu um dos participantes neste encontro.

O objectivo desta ofensiva, desencadeada pelas Zonas Verdes, é permitir desde já a saída de produtos hortícolas em fase de colheita do campo para o mercado de consumo, nomeadamente para os bazares e

cooperativas de consumo não só da zona de cimento como também periféricas, com destaque neste momento para as couves e alfaces.

De acordo com o plano apresentado no encontro, desde fins deste mês até Setembro (período de ponta da estação fria) grandes quantidades de hortícolas atingem a sua fase de colheita, podendo ser planificados calendários do seu escoamento escalonado das zonas de produção ao mercado de consumo.

— O ponto central agora é vermos como vamos pôr de imediato a couve e a alface, principalmente, no mercado de consumo. Sabemos que nesta altura já começa a verificar-se a fuga de hortícolas do campo para os circuitos da candonga, através de intermediários. O que o produtor quer é vender a sua colheita, por isso quando lhe aparece alguém para comprar ele «despacha». Um aspecto que acho de interesse é estudarmos a forma de pôr o próprio produtor, com a sua banca no bazar, a comercializar directamente o resultado do seu trabalho — disse no encontro, o director do Gabinete das Zonas Verdes, Jorge Tembe.

Das várias intervenções havidas sobre este ponto, ficou assente que as Casas Agrárias iriam nos próximos 15 dias trabalhar com os produtores, tanto privados como familiares, no sentido de assegurar o escoamento dos seus produtos para o mercado, não só através de intermediários grossistas como também e principalmente assegurando que o produtor ele próprio venda ao público consumidor.

## CRESCIMENTO DAS ZONAS VERDES

No final do encontro, Jorge Rebelo saudou aquilo que considerou «o excelente trabalho» que as Zonas Verdes estão a realizar, manifestando a convicção de que com a consolidação desta organização e desenvolvimento de um esforço ainda maior vamos poder contribuir muito para que a fome seja grandemente reduzida.